

Deus vem falar connosco*

A propósito da *Dei Verbum*

ANTÓNIO COUTO**

Sempre que nos deparamos com a Palavra de Deus, deparamo-nos com uma energia nova: a Palavra antes das coisas e do homem, de modo diferente da história comumente entendida, que põe as palavras depois das coisas e do homem¹, mas igualmente diferente dos mitos, em que a «história» começa antes da criação do mundo e do homem, com a «história» dos deuses, uma espécie de «história divina», que precede a criação do nosso mundo². A história como a Bíblia a entende não é a história comumente entendida nem tem qualquer tom mitológico, mas apresenta-se como uma aceção nova, sem paralelo noutras culturas, fruto da interpelação de Deus e da resposta humana³.

* O autor estava a escrever um texto na linha de fundo da secção monográfica deste fascículo de *Theologica*, quando um inesperado problema de saúde o impediu de continuar. Ao mesmo tempo que agradecemos a gentileza da cedência deste texto alternativo, desejamos-lhe rápida e sólida recuperação da saúde. A Direcção.

** Bispo de Lamego. Doutor em Teologia Bíblica. Professor Associado da Faculdade de Teologia da UCP.

¹ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. I. Essai de lecture*, Paris, Seuil, nova reimpressão, 2000, p. 190; P. BEAUCHAMP, *Testament biblique. Recueil d'articles parus dans Études. Préface de Paul Ricoeur*, Paris, Bayard, 2001, p. 18 e 22.

² J. L. SKA, *La Parola di Dio nei racconti degli uomini*, Assis, Cittadella, 2000, p. 23-24.

³ Y. H. YERUSHALMI, *Zakhor. Storia ebraica e memoria ebraica*, Parma, Pratiche, 1983, p. 21.

1. Da instrumentalidade à intimidade

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, no Capítulo da Inspiração (III), consagrou este expressivo, e quase não recebido, modo de dizer:

«Para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria» (n.º 11).

Quando falo de expressivo, e quase não recebido, modo de dizer, estou a deixar de lado os conteúdos habitualmente comentados deste grande texto, para me referir simplesmente à forma como ficou expressa a acção de Deus nos autores sagrados: «agindo neles e por eles». Refiro-me mais concretamente às preposições «em» e «por». É sabido que a preposição «por» é a preferida pelos textos doutrinários do período que prepara o Concílio Vaticano II, e traduz o conceito que se costuma chamar de «instrumentalidade», sendo Deus o instrumentista e o hagiógrafo o instrumento⁴. A preposição «por» exprime assim o domínio soberano de Deus. Quase no pólo oposto, a preposição «em» exprime sobretudo o conceito de intimidade⁵.

Este expressivo modo de dizer da *Dei Verbum* remete-nos para a finíssima lição do Prólogo da Carta aos Hebreus, onde se lê:

«1,¹Muitas vezes e de muitos modos, antigamente, falou (*laléo*) Deus aos pais nos profetas (*en toís prophêtais*);² nestes dias que são os últimos, falou-nos (*laléo*) em um Filho (*en hyiô*)» (Hb 1,1-2).

Finíssimo dizer confirmado um pouco mais à frente, no Capítulo Quarto da mesma Carta aos Hebreus, onde lemos:

«4,⁷Tornou Deus a fixar outro dia, um hoje, quando há muito disse (*légô*) em David (*en David*), como acima dissemos (cf. 3,7 e 15): “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais (*sklêrýnête*: conj. aor. de *sklêrýnô*) os vossos corações”» (Hb 4,7, citando o Sl 95,7-8).

Falou Deus aos pais nos profetas. Falou-nos em um Filho. Disse em David. Note-se que a locução «falar em» não é habitual em português. Mas tão-pouco o é em grego ou em hebraico. Em grego como em hebraico, diz-se habitualmente

⁴ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, Paris, Seuil, 1987 (nova impressão, 2003), p. 16-19.

⁵ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 18-19.

que Deus falou «através de», «por intermédio de», «pela mão de» (*diá* ou *en cheirí* em grego; *b^eyad* em hebraico)⁶.

«Falar em» – e não só «através de», «por intermédio de», «pela mão de» – leva-nos para o terreno da intimidade e da graça e da liberdade. A finíssima, e, talvez por isso, não recebida lição da *Dei Verbum* e da Carta aos Hebreus ensinanos então que Deus fala por Moisés, David, Jeremias ou Paulo, sobretudo por Jesus de Nazaré, mas fala-nos ainda mais em Moisés, David, Jeremias ou Paulo, sobretudo em Jesus de Nazaré. Quer isto dizer que Moisés, David, Jeremias ou Paulo, Jesus de Nazaré, são obra viva de Deus antes que o sejam os seus ditos e os seus escritos, sendo de acentuar que Jesus de Nazaré nada escreveu⁷, o que prova que a escrita não é fundamental. Sem equívocos: a intimidade de Deus com os autores bíblicos precede o dito e o escrito. Mais: o que se diz dos Profetas, diz-se logo a seguir do Filho: falou (aos pais) nos Profetas; falou (a nós) em um Filho. Ora, é incontornável a suprema intimidade, amor, liberdade entre o Pai e o Filho. E, dada a sequência das figuras, é como se se dissesse que a intimíssima intimidade que há entre o Pai e o Filho – o Pai que dá tudo ao Filho (Jo 3,35; 13,3; 17,7; Mt 11,27), o Filho que tudo recebe do Pai (Jo 10,18; Ap 2,28) – está já, como que em esboço, na intimidade que Deus estabelece com os Profetas⁸.

A intimidade é primeira. Absolutamente primeira. Mostra-o uma particularidade gramatical: o verbo empregado (*laléô*) é, no grego bíblico, um dos marcadores da revelação de Deus⁹. Mas, sobretudo, não tem aqui complemento directo: «falou Deus aos pais nos profetas»; «falou-nos em um Filho». Deus não revela ou desvela coisas; revela-Se ou desvela-Se com desvelo a Si mesmo. O pregador da Carta aos Hebreus afirma que Deus falou, que é d’Ele a iniciativa, mas não refere o conteúdo deste falar. Nomeia, porém, as pessoas que o falar de Deus pôs em relação: «Deus», «os pais», «os profetas», «nós», o «Filho»¹⁰.

Outra vez a notável lição da *Dei Verbum*:

«Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade» (n.º 2).

⁶ A. VANHOYE, *Situation du Christ. Hébreux 1-2*, «Lectio Divina» 58, Paris, Cerf, 1969, p. 58-59.

⁷ A. VANHOYE, *Situation du Christ. Hébreux 1-2*, p. 59.

⁸ P. BEAUCHAMP, *Parler d’Écritures Saintes*, p. 19.

⁹ I. DE LA POTTERIE, *The Hour of Jesus: The Passion and the Resurrection of Jesus according to John*, Nova Iorque, Alba House, 1989, p. 44; I. DE LA POTTERIE, *La vérité dans Saint Jean*, Roma, Biblical Institute Press, 1977, p. 40-42; I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, Génova, Marietti, 3.^a ed., 1992, p. 93; M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians. A Commentary on the Greek Text*, Grand Rapids – Milton Keynes, Eerdmans – Paternoster, 2005, p. 352.

¹⁰ A. VANHOYE, *Situation du Christ. Hébreux 1-2*, p. 53.

As palavras não são teoremas. A palavra dirige-se a alguém. O teorema não se dirige a ninguém. Há quem queira as coisas de Deus tão seguras, que preferiria que a Palavra de Deus fosse expressa em algarismos!¹¹ Mas, na Bíblia, toda a palavra do céu que nos atinge passa pela terra, por um ponto concreto no espaço e no tempo. É humana. Humanada. Impressa e expressa «em homem». «Deus serviu-se de homens» (n.º 11), «falou à maneira humana» (n.º 12), diz a soberba lição da *Dei Verbum*. E dado que Deus não fala apenas através de, mas em, então não basta que nos interessemos apenas com aquilo que é dito; é preciso sobretudo prestar atenção a quem diz. A sua maneira própria de dizer é já revelação. É preciso saber quem diz, como diz, onde diz¹².

A intimidade é primeira. É o dito e o escrito, o rolo ou o livro ou a carta, que brotam dessa intimidade. Em boa verdade, só o que é impresso na carne humana poderá também ser expresso a alguém com a vida humana ou com palavras ditas ou simplesmente escritas com tinta, como faz o servo (Jr 36,18)¹³. Próprio do Servo não é «dizer»; é «ser dito»; não é «escrever»; é «ser escrito» por Deus. É quanto se pode ver no caixilho que emoldura o chamado «Quarto Canto» do Servo de YHWH (Is 52,13-15; 53,11-12)¹⁴:

«52,¹³Eis que o meu Servo¹⁵ ILUMINARÁ (*yaskîl*)¹⁶,
será colocado em lugar alto, será elevado e exaltado ao máximo¹⁷.

¹⁴Como se horrorizaram acerca dele muitos,
tanto a sua aparência era de homem desfigurado

¹¹ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 22.

¹² P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 24-25.

¹³ P. BEAUCHAMP, *Cinquante portraits bibliques. Dessins de Pierre Grassignoux*, Paris, Seuil, 2000, p. 198.

¹⁴ P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur. D'Isaïe à Jean*, in J. VERMYLEN (ed.), *Le Livre d'Isaïe. Les oracles et leurs relectures, unité et complexité de l'ouvrage*, BETL 81, Lovaina, Leuven University Press, 1989, p. 327; R. MEYNET, *Mort et ressuscité selon les Écritures*, Paris, Bayard, 2003, p. 171; A. SCHENKER, *Douceur de Dieu et violence des hommes. Le quatrième chant du serviteur de Dieu et le Nouveau Testament*, Bruxelles, Lumen Vitae, 2002, p. 36-37; B. JANOWSKI, *He Bore Our Sins: Isaiah 53 and the Drama of Taking Another's Place*, in B. JANOWSKI, P. STUHLMACHER (eds.), *The Suffering Servant. Isaiah 53 in Jewish and Christian Sources*, Grand Rapids, Eerdmans, 2004, p. 61; H. SIMIAN-YOFRE, *Sofferenza dell'uomo e silenzio di Dio nell'Antico Testamento e nella letteratura del Vicino Oriente Antico*, Roma Città Nuova, 2005, p. 223.

¹⁵ Só YHWH pode dizer dele: «Meu Servo». P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur*, p. 332.

¹⁶ «Iluminar» é uma boa tradução para *yaskîl* (raiz *sakal*), presente também em Gn 3,6 e Dn 12,3. Trata-se de «iluminar» à maneira de um mestre. Para operar esta «iluminação», o mestre-servo não precisa de falar; a sua lição vem da exibição da sua humilhação. P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur*, p. 334.

¹⁷ O que Deus aqui diz do Servo (v. 13b) é muito semelhante à maneira como Isaías descreve a visão que tem de Deus «num lugar alto e elevado» (Is 6,1). P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur*, p. 345; P. BEAUCHAMP, *Cinquante portraits bibliques*, p. 214.

e a sua forma não era dos filhos de *Adam*,
¹⁵assim também ele aspergirá nações numerosas,
 acerca dele reis ficarão de boca fechada,
 porque verão (*ra'û / ópsontai*) o que não lhes foi contado
 e assistirão ao que não ouviram.

53,11Do infortúnio da sua vida ele verá, saciar-se-á com o seu conhecimento.
 Justo, o meu servo JUSTIFICARÁ muitos (*yatsdiq tsadiq 'abdî larabîm*),
 e as suas iniquidades carregará.

¹²Por isso dar-lhe-ei a sua parte entre muitos,
 e com os poderosos repartirá os despojos,
 uma vez que esvaziou (*'arah / paradídômi*) até à morte a sua vida¹⁸
 e com os transgressores foi recenseado.
 Ele carregou os pecados de muitos
 e pelos transgressores intercedia».

A mais alta novidade que atravessa esta moldura do poema, é que não é a voz do Servo Profeta que se ouve. O Profeta não fala. Não diz. Não escreve. Não profetiza. É dito. É escrito. É profetizado. Profeta profetizado: não fala ele. Fala Deus dele, fala Deus nele. Falamos nós dele, confessando:

«53,⁴Na verdade, os nossos sofrimentos ele carregava,/ e as nossas dores suportava;/ ⁵(...) e nas suas chagas estava a cura para nós» (Is 53,4-5).

E a notável lição de Paulo que, na Carta aos Gálatas, fala do Servo Jesus Cristo Crucificado com a linguagem fortíssima de «Jesus Cristo exposto por escrito»¹⁹:

«3,¹Aos (vossos) olhos (*kat' ophthalmóús*), Jesus Cristo exposto por escrito (*proe-gráphê*), crucificado (*estauróménos*)» (Gl 3,1).

E, enfim, Maria, a Serva, que diz, respondendo. Nós só podemos dizer, respondendo:

«1,³⁸Faça-se em mim segundo a Palavra de Ti» (Lc 1,38).

¹⁸ Os LXX traduzem aqui *'arah* por *paradídômi*, mostrando bem a dádiva da vida. Mas é também significativo que, em outras quatro vezes, os LXX traduzam este verbo por *ekkenôô*, sinónimo de *kenôô*, que encontramos em Fl 2,7. P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe, son disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, Paris, J. Gabalda, 1972, p. 279, nota 3.

¹⁹ P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps. Essais bibliques*, Paris, Cerf, nova edição aumentada, 1992, p. 87.

Só podemos exprimir bem o que em nós deixamos imprimir²⁰. E então, verdadeiramente, escutar é deixar-se dizer, e dizer é tão só re-dizer o Dito²¹. Entenda-se: Deus não fala ao homem do cimo de uma montanha ou do alto de uma muralha vertical e inacessível. Não é esta a autoridade das Escrituras²². Deus não fala sem vir, sem descer ao nosso nível.

Outra vez o dizer surpreendente da *Dei Verbum*:

«Nos livros sagrados, o PAI que está nos céus VEM amorosamente ao encontro dos seus FILHOS, a CONVERSAR com eles» (n.º 21).

Deus fala, pois, descendo ao nosso nível. Coração a coração. Intimidade a intimidade. Fala sem complemento directo, não dizendo coisas, não dando coisas a saber, mas dizendo-Se e dizendo-nos, com uma autor-idade nova e inédita, «não como os escribas» (Mc 1,22), que não se dizem; apenas dizem coisas, muitas coisas. Acerca do dizer novo de Jesus, confessam os insuspeitos guardas ao serviço dos fariseus: «Nunca um homem falou assim» (Jo 7,46). Trata-se de um dizer novo, não catalogável em nenhum dos dizeres conhecidos e que denunciam a classe de pertença de quem diz (escribas, médicos, padres...). Estes dizeres catalogados concedem a quem diz, e antes ainda de dizer, o crédito próprio da classe a que pertence. Não, o que está agora em causa, o que está em causa no dizer de Jesus, é a autor-idade nova de um verdadeiro autor autor-izado pelo Espírito²³, de um verdadeiro profeta «profetizado»²⁴.

2. Do saber ao poder (*dýnamis*)

Atente-se, a propósito, no seguinte texto da Segunda Carta de Paulo a Timóteo:

«3,¹⁵E desde a infância, as Sagradas Escrituras tu conheces; elas têm o poder (*dýnamis*) de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação por meio da fé (*dia pístêôs*) que está em Cristo Jesus (*en Christô Iêsou*).¹⁶Toda a Escritura é ins-

²⁰ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 20.

²¹ M. HEIDEGGER, *In cammino verso il linguaggio*, Milão, Mursia, 1984, p. 200; B. FORTE, *In ascolto dell'altro. Filosofia e rivelazione*, Brescia, Morcelliana, 1995, p. 134.

²² P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 21.

²³ Veja-se o discurso inteligente de J. DELORME, *Prises de parole et parler vrai dans un récit de Marc (1,21-28)*, in P. BOVATI, R. MEYNET (eds.), *Ouvrir les Écritures. Mélanges offerts à Paul Beauchamp à l'occasion de ses soixante-dix ans*, «Lectio Divina» 162, Paris, 1995, p. 183-185.

²⁴ A expressão feliz é de P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 160-162; P. BEAUCHAMP, *La prophétie d'hier*, in *Lumière et vie*, 115, 1973, p. 23; P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur*, p. 344 e 353.

pirada (*theópneustos*) por Deus e útil (*ôphélimos*) para o ensino, para convencer, para corrigir, para a educação na justiça, ¹⁷para que seja perfeito o homem de Deus, para toda a obra boa preparado» (2 Tm 3,15-17).

Ou ainda Paulo na Carta aos Romanos:

«1,¹⁶Eu não me envergonho do Evangelho, que é poder (*dýnamis*) de Deus para a salvação de todos os que crêem» (Rm 1,16).

Note-se que as Escrituras têm um poder (*dýnamis*), e não transmitem simplesmente um saber ou um conjunto de informações em complemento directo. Trata-se de um poder novo, não assente num saber. É nisto que reconhecemos que elas são inspiradas. Dão a salvação pela fé e tornam o homem apto para realizar toda a obra boa. Aí está a demonstração do seu poder (*dýnamis*)²⁵, e a razão de as devermos frequentar assídua e cuidadosamente, carinhosamente, entrando nessa intimidade única, única fonte de autor-idade para nós, de nada valendo créditos e títulos acumulados em extensos currículos. Salta à vista que este poder (*dýnamis*) está para além das marcas da tinta, visíveis, e dos sons audíveis, e reside nas brasas do sentido que o Espírito em nós acende e aviva²⁶. Estas marcas e estes sons são a expressão sintomática deste poder novo (*dýnamis*) que é o Espírito que habita «em Escritura» e «em homem», e que simplesmente se recebe: «Recebereis (*lambánô*) um poder (*dýnamis*), o do Espírito Santo, que vem sobre vós» (Act 1,8). Note-se que, sobretudo em Lucas e Paulo, o termo *dýnamis* aparece muitas vezes articulado com o Espírito (Lc 1,17; 4,14; Act 10,38; Rm 1,4; 15,13 e 19; 1 Ts 1,5; 1 Cor 2,4; 2 Tm 1,7)²⁷.

O Espírito de Deus habita «em escritura» e «em homem». Na verdade, eu só posso dizer e escrever o poder de Deus e da sua Palavra, mas também a sua doçura, depois de experimentar a solidez do chão e a doçura do leite ou do mel. A Palavra antes das coisas e do homem são as coisas e o homem já implicados na Palavra, explicitando a Palavra²⁸. Oh Palavra anterior a todas as palavras! A boca de Deus encontra assim a boca do homem, sua imagem. É este o beijo da aliança²⁹.

²⁵ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 14.

²⁶ Muito bem J. D. QUINN, W. C. WACKER, *The First and Second Letters to Timothy. A New Translation with Notes and Commentary*, Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 2000, p. 759.

²⁷ Ver G. ROSSÉ, *Atti degli Apostoli. Commento esegetico e teologico*, Roma, Città Nuova, 1998, p. 93-94, e nota 68.

²⁸ P. BEAUCHAMP, *Testament biblique*, p. 29.

²⁹ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 190.

Diz outra vez bem, e em consonância, a *Dei Verbum*, articulando as Escrituras com a voz do Espírito e o poder novo da Palavra de Deus actuante na vida dos seus filhos:

«As divinas Escrituras (...) fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos Profetas e dos Apóstolos», para acrescentar logo de seguida: «é tão grande o poder e a virtude da Palavra de Deus que se torna o sustentáculo e a robustez da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual» (n.º 21).

Aqui estão belamente articuladas a origem e a finalidade das Escrituras, bem como a demonstração do seu poder: vêm de Deus e têm o poder de conduzir a Deus³⁰. E é por isso que é necessário prestar-lhes todas as atenções:

«É necessário, por isso, que todos os clérigos e sobretudo os sacerdotes e todos os que, como os diáconos e os catequistas exercem legitimamente o ministério da palavra, mantenham contacto íntimo com as Escrituras, mediante a leitura sagrada e o estudo aturado, a fim de que nenhum deles se torne “pregador vazio da palavra de Deus por fora, por não a ouvir de dentro” (S.to Agostinho) (...) Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada da oração, para que estabeleça o colóquio entre Deus e o homem» (n.º 25).

Frequentar as Escrituras é um trabalho de amor e paciência, de surpresa e risco. O melhor leitor das Escrituras é o que está mais preparado para ser surpreendido³¹. Acolher a intimidade de Deus na nossa intimidade pode ser arriscado. Mais ou menos como subir a um poste de alta tensão. É como «empenhar» o coração (*'arab 'et libbô*), não no sentido do nosso empenho ou esforço, mas no sentido técnico de «penhorar» o coração, como bem refere Jeremias: «Aproximar-se de Deus é empenhar o coração» (30,21)³². Desejar ler bem as Escrituras é desejar o divino. É por isso que é preciso rezar para ler bem as Escrituras. O que é divino obtém-se pela oração. Se o pudéssemos obter por nós mesmos, não haveria nenhuma razão para o chamar divino. Seria então simplesmente humano³³. Bem se vê que as Escrituras têm um poder (*dýnamis*). Se transmitissem apenas um saber, daí não adviria problema nem novidade por aí além. Continuemos expostos a este bisturi da Palavra de Deus, que opera dentro de nós, que nos acompanha sempre, sem que dele possamos fugir.

³⁰ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 15-16.

³¹ P. BEAUCHAMP, *Psaumes nuit et jour*, Paris, Seuil, 1980 (nova impressão, 2001), p. 163.

³² J. R. LUNDBOM, *Jeremiah 21-36. A New Translation with Introduction and Commentary*, «The Anchor Bible Commentary» 21B, Nova Iorque – Londres – Toronto – Sidnei – Auckland, Doubleday, 2004, p. 408.

³³ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 38.

Diz-nos outra vez, de forma antológica, a Carta aos Hebreus:

«4,¹²A Palavra de Deus é viva e eficaz-enérgica (*energês*) e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e entra até dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga mesmo as considerações e intenções do coração» (Hb 4,12).

Se acolhida com amor na nossa intimidade, a Palavra de Deus procede em nós a uma verdadeira operação de coração aberto, limpando-o das gorduras do colesterol e da rigidez da esclerose. Afirma fortemente o Salmo: «Se hoje ouvirdes a voz do Senhor, / não endureçais (*sklêrynô* LXX) os vossos corações» (Sl 95,7-8, citado em Hb 3,7-8 e 15 e 4,7). A dureza de coração (*sklêrokardía*) é uma doença várias vezes diagnosticada por Jesus aos judeus (Mt 19,8; Mc 10,5) e aos seus discípulos (Mc 16,14). E só pode ser curada pelo bisturi da Palavra de Deus, operando em nós: «Vós já estais limpos, devido à Palavra que vos falei (*lalêô*)» (Jo 15,3).

3. Aquela voz de um fino silêncio, aquela chama que chama, aquele fogo a arder dentro de nós, aquele bisturi que levamos cá dentro

Deus fala frágil. Frágil tem de ser e falar o seu profeta. Aproximemos a objectiva para verificar mais de perto a figura de um profeta: Elias.

O ciclo de Elias encontra-se em 1 Rs 17-19; 21; 2 Rs 1-2. Em 1 Rs 17,1. O narrador faz entrar Elias subitamente em cena, nada nos dizendo sobre o seu passado, não fazendo qualquer anotação anagráfica. O retrato que aí é traçado de Elias é o de um homem totalmente conduzido por Deus, bebendo da torrente e sendo alimentado por Deus (17,2-6; cf. Sl 110,7), e depois pela viúva de Sarepta (1 Rs 17,9-15), e depois pelo anjo de YHWH (1 Rs 19,5-8), e depois pela longa estrada da tradição que o leva até ao Tabor (Mt 17,4; Mc 9,4; Lc 9,30) e até à Cruz de Jesus (Mt 27,46-47; Mc 15,34-35).

Mas contemplemos mais de perto um dos tempos mais fascinantes desta história. Elias enceta uma peregrinação ao Horeb, às fontes puras do Yahvismo, aparentemente para consolidar o seu zelo (1 Rs 19,1-18). Mas também aí acaba por ser conduzido por Deus, numa viagem de quarenta dias e quarenta noites, pelo deserto, ao encontro da vida verdadeira. Já sabemos que outros andaram errantes durante quarenta anos nesse deserto, longe de Deus, ao encontro da morte³⁴. Elias encontra Deus, também ao contrário dos outros: não no furacão nem no terramoto nem no fogo, mas na «voz de um fino silêncio» (*qôl d^emamah*

³⁴ P. BEAUCHAMP, *Cinquante portraits bibliques*, p. 167.

daqqaḥ» (1 Rs 19,12)³⁵. Uma voz de doçura, música sem som e sem sombra, que ensina a Elias quem é Deus, e, antes disso, quem Ele não é³⁶. A rigidez e o zelo (*qana'*) de Elias (1 Rs 19,10) não se sustentam nem o sustentam. O zelo é estéril: não é estação de frutos. Dele, do zelo estéril, recebe o encargo de «sair» (1 Rs 19,11)³⁷.

«Sai e fica de pé (*tse' we'amadta*) no monte diante do SENHOR!». «Sair» (*yatsa'*) é o verbo emblemático do Êxodo³⁸, mas diz também o nascimento de um bebé do útero materno³⁹. Vida nova, sem retorno. Elias no caminho da vida nova e da liberdade dada e recebida, passo a passo. A atitude «de pé» coloca Elias ao lado de Moisés (Ex 3,5).

A sequência «vento» – «terramoto» – «fogo» – «SILÊNCIO» segue o esquema retórico «três + um», várias vezes usado em textos proféticos, sapienciais e do Evangelho, em que as três primeiras realidades acenadas apontam para uma quarta, que é a mais importante e decisiva⁴⁰. Assim como o Último, o *éschaton*, fornece a chave de leitura do penúltimo.

Quando o Último penetra no penúltimo. Esta «voz de um fino silêncio» lembra aquela lâmina de dois gumes que é a Palavra de Deus (Hb 4,12; Ap 1,16), único bisturi que opera e limpa a esclerose do coração (Jo 15,3) e o zelo estéril⁴¹. Escrita fina de Deus, com ponta de diamante, no coração do homem: lá se inscreve o pecado (Jr 17,1) e o perdão (Jr 31,33)⁴². E é ainda, com certeza, igual à mão ou à voz do Anjo de YHWH, que toca e chama e acorda Elias.

³⁵ Esta tradução remonta a Emmanuel Levinas, e pode ver-se em E. LEVINAS, *L'État de César et l'État de David*, in E. CASTELLI (ed.), *La Théologie de l'histoire. Révélation et histoire*, Paris, Aubier, 1971, p. 72, retomada em E. LEVINAS, *L'au-delà du verset. Lectures et discours talmidiques*, Paris, Minuit, 1982, p. 211, e foi adoptada por J. BRIEND, *Dios en la Escritura*, Bilbao, Desclée de Brouwer, 1995, p. 27.

³⁶ Reconhece-se aqui a habitual finura de P. BEAUCHAMP, *Cinquante portraits bibliques*, p. 165.

³⁷ P. BEAUCHAMP, *Cinquante portraits bibliques*, p. 165.

³⁸ Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 2009, p. 294.

³⁹ U. TERRINONI, «Buono è il Signore» (*Sal 103,8*). *Il messaggio biblico della misericordia*, Bolonha, EDB, 2008, p. 86.

⁴⁰ Ver, por exemplo, L. MANICARDI, «*Elia e la voce del silenzio. Ascolto dello Spirito, ascolto del corpo*», in *Didaskalia*, 99-100. Ver também B. K. SOPER, *The Three Transgressions and for Four. A New Interpretation of Amos 1,3, etc.*, in *The Expository Times*, 71, 1959-60, p. 86-87; P. BOVATI, R. MEYNET, *Le Livre du prophète Amos*, Paris, Cerf, 1994, p. 40.

⁴¹ Esta «Voz de um fino silêncio» ou espada de dois gumes, bisturi de extrema precisão opõe-se à forma como Voltaire caustica a palavrosa eloquência sagrada, comparando-a à espada de Carlos Magno: longa e plana. Montesquieu classifica assim o mesmo discurso: «O que lhes falta em profundidade, os oradores compensam em extensão». Ver G. RAVASI, *Il Vescovo e i mezzi di comunicazione sociale*, in *Duc in Altum. Pellegrinaggio alla Tomba di San Pietro. Incontro da riflessione* (Roma, 17-25 settembre 2007), Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2007, p. 246.

⁴² J. R. LUNDBOM, *Jeremiah 1-20. A New Translation with Introduction and Commentary*, «The Anchor Bible » 21 A, Nova Iorque – Londres – Toronto – Sidney – Auckland, Doubleday, 1999, p. 776.

E como é a mão de um Anjo que nos toca, ou a voz de um Anjo que nos chama? Um vendaval manso anda por ali⁴³, semelhante, com certeza, àquela chama que chama (Ex 3,4), e não grita nem destrói (Ex 3,2-3), mas faz viver (Ex 3,8 e 10) e dá sentido (Lc 24,32). É nesse sentido que Jeremias leva essas Palavras a arder no coração e nos ossos: «A tua Palavra ardia no meu coração como um fogo devorador, / encerrado dentro dos meus ossos» (Jr 20,9).

Como se pode combater este incêndio,
apagar esta chama que chama,
calar a voz deste fino silêncio,
fugir deste bisturi que levamos cá dentro?

Jeremias tem outra vez razão:
é mais fácil enfrentar um furacão (Jr 23,18-20).
Esse sabemos de onde vem e para onde vai!⁴⁴

Finíssima voz apenas captada em *high-fi*, altíssima fidelidade, nova fidelidade, alta frequência, nova sintonia, que atinge também os mortos e os vivifica: «Vem a hora, e é agora, em que os mortos escutarão a voz do Filho de Deus [...], e sairão dos sepulcros (Jo 5,25 e 28-29)⁴⁵.

4. Do som ao sentido

Vale sempre a pena frequentar os hinos do Saltério. Contemplemos apenas uns acordes do belo Salmo 19:

«19,²Os céus descrevem a glória de Deus, / e a obra das suas mãos narra o firmamento. / ³O dia ao dia entrega o dizer, / e a noite à noite transmite o conhecimento. / ⁴Não é um dizer e não são palavras, / em que se oiça a sua voz. / ⁵Em toda a terra saiu a sua linha melódica (*qawwam*), / e até aos confins do mundo a sua linguagem» (Sl 19,2-5).

Texto fantástico para ler e reler e ouvir e voltar a ouvir. Paulo cita-o em Rm 10,18. Se os verbos se postassem na linha do ver, o texto seria banal, e a estupefacção da surpresa desapareceria. Mas os verbos vão noutra direcção. É essa subtilidade que nos faz dobrar o canto da página, para um dia lá voltarmos. Os céus descrevem. A linha azul do firmamento narra. O dia e a

⁴³ P. BEAUCHAMP, *Cinquante portraits bibliques*, p. 165.

⁴⁴ A. RIDOUARD, *Jérémie, l'épreuve de la foi*, Paris, Cerf, 1983, p. 43.

⁴⁵ G. FERRARO, *Mio-Tuo. Teologia del possesso reciproco del Padre e del Figlio nel Vangelo di Giovanni*, Cidade do Vaticano, Editrice Vaticana, 1994, p. 39, e nota 11.

noite estabelecem linhas de comunicação. Mas não são palavras o que dizem. É uma linha, hebraico *qaw*, uma corda, uma linha escrita, uma mensagem. Os autores têm-se esforçado em descobrir na palavra um erro numa letra, para ver se conseguem encontrar alguma lógica⁴⁶. Em vão. Linha solar, geometria do sol e da lua, linha do tempo em que os dias e as noites se sucedem, linha escrita, linhagem, pauta musical. Uma corda para segurar e estender para além das leis da natureza (esperança: *tiqwah* ou *miqweh*)⁴⁷, corda para saltar (saltar à corda), tocar (harpa), pauta musical, linha melódica, cingulo, cinto (*syndesmos*) que alinha as metáforas, ajusta as roupas, alinda os passos, entrelaça as páginas da vida (cf. Cl 3,14)⁴⁸. Na verdade, nunca ninguém ouviu os céus falarem. O mesmo se passa com a linha azul do firmamento, o sol, a lua...

Todo o acto de leitura ou de audição supõe sílabas e sons. Mas a verdadeira leitura e a verdadeira audição supõe um trabalho do espírito que faz nascer uma palavra interior que é silenciosa. Tudo se passa como se houvesse duas palavras: a que produz som e faz barulho e a outra. Da que produz som e faz barulho, apenas ouvimos o barulho; da outra, que não faz barulho, ouvimos apenas o sentido. Quando dizemos que a Escritura é Palavra de Deus, é-o enquanto barulho ou enquanto sentido?⁴⁹

O bom intérprete da Escritura estuda criteriosamente as palavras e os sons, a gramática e o dicionário. Mas também fala calando e cala falando, rezando, amando, escutando, sempre em bicos de pés, no limiar do silêncio, sempre à escuta da Palavra criadora de Deus, som que nunca se ouviu⁵⁰, silêncio que nunca se calou⁵¹. Premurosa teia de sentido por debaixo da rumorosa espuma das palavras. O Verbo de Deus não anda na crista da onda de sons e de sílabas, sintaxe e fonética. O Verbo de Deus não faz vibrar o ar. É sem som e sem sombra.

⁴⁶ Entre os mais inteligentes, ver K.-M. BEYSE, *qaw, qaweh, tiqwah*, in G. J. BOTTERWECK, H. RINGREN, H.-J. FABRI (eds.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, Vol. XII, Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 2003, p. 562-564; P. BEAUCHAMP, *Psaumes nuit et jour*, p. 162-169; L. SABOURIN, *Le Livre des Psaumes traduit et interprété*, Monte Real – Paris, Bellarmin – Cerf, 1988, p. 134; S. TERRIEN, *The Psalms. Strophic Structure and Theological Commentary*, Grand Rapids, Eerdmans, 2003, p. 210, e nota 9.

⁴⁷ D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, in R. FABRIS, D. GAROTA, M. GUZZI, C. MILITELLO, M. TENACE, *Salvati nella speranza. Commento e guida alla lettura dell'Enciclica Spe salvi di Benedetto XVI*, Milão, Paoline, 2008, p. 142.

⁴⁸ J. L. SUMNEY, *Colossians. A Commentary*, Louisville – Londres, Westminster John Knox Press, 2008, p. 218.

⁴⁹ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 68.

⁵⁰ P. BEAUCHAMP, *Psaumes nuit et jour*, p. 243. De facto, Deus permanece silencioso, pois o que eles «verão» é «o que não lhes foi contado», e aquilo a que «assistirão» é «o que não ouvirem» (Is 52,15). R. MEYNET, *Mort et ressuscité selon les Écritures*, p. 131.

⁵¹ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. I. Essai de lecture*, Paris, Seuil, nova reimpressão, 2000, p. 159.

Não sendo nem a letra nem o som, Ele é o sentido dessa letra e desse som⁵². E, de modo diferente da letra e do som, o sentido, que se recebe – sim, a Bíblia ensina-nos que o sentido é sempre recebido⁵³ – depois de um longo, lento e paciente trabalho de interpretação, ou de rajada, como uma iluminação, o sentido – dizia – não faz barulho. O sentido nunca fez barulho, nunca faz barulho. É um rumo, um rastro, um rosto, uma corda tensa ou musical, um «e-vento», plenitude a incidir na planitude inabitada e inóspita da tábua rasa da mesa do escritório ou do conclave ou do deserto: «Por mais planos que façais, / eles serão frustrados» (Is 8,10); / «Eis que vou fazer um coisa nova; / ela já desponta: / não vos apercebeis? / Abrirei um caminho no deserto, / e rios em lugares ermos» (Is 43,19). Deserto era o caminho entre Jerusalém e Gaza, por onde descia o etíope ilustre (Act 8,26), lendo Isaías, e em quem já despontava uma coisa nova: «Entendes o que lês?», pergunta-lhe Filipe (Act 8,30). Entendes as linhas que lês? Filipe pergunta-lhe e explica-lhe, e nasce ali mesmo, no deserto, o sentido e a água (Act 8,36-37).

⁵² P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 68-69.

⁵³ Ver R. MEYNET, *Traité de rhétorique biblique. Rhétorique sémitique (IV)*, Paris, Lethielleux, 2007, p. 623-624.